

A farra que pode mudar o teatro

Maria José Lessa

Choros, desmaios, um fascinante 'happening' uniu público e atores

MÁRCIA CEZIMBRA

O que seria uma despretenhosa "farra de atores" — uma encenação de seis horas seguidas feita no sábado, de 14 às 20, por 40 atores e cantores na Casa França Brasil — transformou-se, de repente, num caminho de mudança do teatro brasileiro. Pelo menos foi esta a impressão do diretor Márcio Viana depois da *Audiência de instrução e julgamento do ator brasileiro*, montagem aleatória de textos e personagens escolhidos para a atuação do artista comprometido apenas com o desejo de dizer e de representar o que quiser, durante o tempo que der e que vier.

O público também poderia chegar e sair a qualquer momento. O que veio, porém, foi uma emoção explosiva por volta das 18h, a quarta hora de espetáculo, quando a atriz Cláudia Mele misturou o personagem shakespeariano Edmundo, de *Rei Lear*, a textos sobre Shakespeare do escritor argentino Jorge Luis Borges. Os atores, exaustos e enopados por baldes d'água que aliviavam o cansaço de horas de teatro, choravam, e o público daquele instante chorou também, sem resistir.

A *ópera molhada*, que poderia se referir à ópera seca de Gerald Thomas pela não linearidade dos textos e por uma enorme quantidade de guarda-chuvas no palco de cenário clássico, deveria rolar experimentalmente uma única vez, apenas no último sábado na Casa França Brasil. A beleza da encenação, com atores correndo por dentro e por fora do prédio da Candelária a tarde inteira, e os aplausos do público durante meia hora após final do espetáculo, previsto para as 20h, deram uma reviravolta na direção original. O elenco, formado pelo grupo Contrador, de Márcio Viana, e pelos alunos do curso de teatro do Museu de Arte Moderna (MAM), fará uma segunda apresentação, ainda sem data, na mesma Casa França Brasil, e uma terceira em São Paulo.

Das 14 às 20h, a Casa França Brasil recebeu mais de 500 pessoas, uma plateia rotativa que garantia um mínimo de 100 pessoas sentadas no chão, em volta do *espaço cênico*. Um resultado surpreendente para uma iniciativa de atores-desejantes, a fim de expressar simplesmente o perso-



Shakespeare, Borges, personagens vivos e mortos transitaram no mesmo "palco" numa maratona que deixou exaustos os 40 atores e cantores

nagem de seus sonhos. Assim, na mesma correria, sob os mesmos guarda-chuvas e roupas negras, ao som de um coro que entrava na hora que queria, estavam muitos Shakespeares, várias Joanas D'Arc, uma Dorian Gray e brasileiros como Grande Otelo e outros menos conhecidos, hoje residentes no Retiro dos Artistas. "O que nós percebemos é que depois da terceira hora de espetáculo a emoção fluiu de um jeito que afeta o batimento cardíaco do público. Os próximos espetáculos então serão abertos ao público apenas depois da terceira hora. Até lá haverá apenas um trabalho interno de atores", diz Márcio Viana, humilde "burocrata" que organizou o desejo de uma nova

geração de atores. "Quero fazer uma declaração de amor. A qualidade técnica e a criatividade destes jovens podem enfim mudar o teatro brasileiro", diz.

Ninguém esperava esta surpresa de uma idéia aparentemente simples, que surgiu no ano passado durante um curso de teatro de Márcio Viana no MAM. "Eu me deparei com atores jovens, de ótima qualidade técnica, embora todos disponíveis para o desejo do outro e não para o próprio desejo. Foi assim que decidimos costurar os personagens desejados por cada um de uma maneira bem livre", disse o diretor que recusa a função de diretor. Para a *montagem* do texto, os 40 atores entrevistaram 60 velhos artistas famosos e anônimos, com duas

únicas perguntas — qual seria o desejo principal de cada um e qual seria o erro principal de cada um.

O diretor chamou seis atores mais experientes para ajudar a *horda* — Claudia Mele, Ana Zibecchi, Dorian Mendes, Evandro Melo, Marlucci Fabíola e Eduardo Laus. Com ambientação e cenários de Luiz Pizarro e a música-tema do filme *O cozinheiro, o ladrão, a mulher e o amante*, os atores ágeis corriam para fora do espaço cênico e diziam coisas loucas e dispersas como "o ator jamais fracassa, os textos é que fracassam". Frase esparsa de clássicos vagamente conhecidos do público, coisas de artistas brasileiros anônimos que, vez por outra, citavam Fernanda Montenegro aqui, um su-

cesso antigo ali. O chão estava coberto de panfletos sobre teatro. Liam-se de longe nomes como Dina Sfat, Fernanda Montenegro, peças famosas. "Quem cansar se deita e pode dormir. O público precisa ver que vocês se cansam e dormem", gritava, do lado de fora, Márcio Viana. Muitos *desmaiavam* no palco. A *cena* estava linda.

Nem o texto ali fracassou. As lágrimas corriam no palco e na plateia quando Claudia Mele atacou de Borges: "Quando escreverem minha história, dirão que pouco antes de morrer me vi diante de Deus e disse: 'Eu, que tantos homens fui em vão, quero ser um e eu.' E a voz de Deus responderá: 'Shakespeare, eu tampouco sou. Sonhei o mundo

como tu sonhaste a tua obra teatral. E entre as formas de meu sonho estás tu, que como eu és muitos e não és ninguém." Cláudia Mele disse que sua emoção veio do público: "Foi o público que me ajudou." Esta sensibilidade tampouco viria depois após horas de exercícios, com todas as resistências físicas já quebradas: "Não se trata de uma concepção do ator-atleta. Assim, o ator idoso não poderia atuar. A emoção vem com o tempo, com uma quilometragem afetiva de horas de atuação", explica Márcio Viana. A realidade é o sucesso de uma experiência, que apesar disso, está, segundo ele, em plena elaboração. "Vamos discutir, vamos pensar no que aconteceu. A única certeza é a de um grande prazer."